



Anais da Assembleia

N. 114

CURITIBA, QUARTA-FEIRA, EM 23 DE OUTUBRO DE 1985

ANO XI

3ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 10ª LEGISLATURA

ATA DA SESSÃO SOLENE DESTINADA A

ENTREGA DO TÍTULO DE

CIDADÃO BENEMÉRITO DO PARANÁ

A SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA

DOM PEDRO ANTONIO MARCHETTI FEDALTO

REALIZADA EM 23 DE OUTUBRO DE 1985.

QUARTA-FEIRA

Presidência do Senhor Deputado Nilso Sguarezi, secretariada pelos Senhores Deputados Anibal Khury e Quielse Crisóstomo.

As quinze horas é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Nilso Sguarezi, Antônio Annibelli, Nelson Buffara, Anibal Khury, Quielse Crisóstomo, Fiori Luiz, Ezekias Losso, Acir Mezzadri, Adhail Sprenger Passos, Airton Cordeiro, Amélia Hrusckha, Antônio Belinati, Artagão Mattos Leão, Augusto Carneiro, Basílio Zanusso, Caíto Quintana, Dirceu Manfrinato, Djalma de Almeida César, Donato Gulin, Edgard Pimentel, Edmar Luiz Costa, Eduardo Baggio, Erondy Silvério, Ervin Bonkoski, Ferrari Júnior, Francisco Escorsin, Fuad Nacli, Gabriel Manoel, Gernote Kirinus, Gilberto Carvalho, Hermas Brandão, Homero Oguido, Irondi Pugliesi, Ivan Gubert, Jorge Maia Filho, José Antônio Fonseca, Leônidas Chaves, Luiz Alberto Oliveira, Márcio Almeida, Mário Pereira, Nestor Baptista, Odeni Mongruel, Orlando Pessuti, Osvaldo Alencar Furtado, Paulo Furiatti, Péricles Pacheco, Rubens Bueno, Sabino Campos, Sérgio Spada, Tadeu França, Tadeu Lúcio Machado, Tércio Albuquerque, Trajano Bastos, Tuguio Setogutte, Werner Wanderer e Wilson Fortes (56). Achando-se em licença os Senhores Deputados: Nelson Vasconcellos e Roberto Requião (02), presentes ainda inúmeras autoridades civis, eclesiásticas e demais convidados.

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Sob a proteção de Deus, declaro aberta a

SESSÃO SOLENE

Para conduzir até este plenário o Chefe da Casa Civil, Euclides Scalco, Representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná; o Excelentíssimo Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado e o homenageado, designo uma Comissão integrada pelos Senhores Deputados Adhail Sprenger Passos, Tadeu França, Péricles Pacheco e Basílio Zanusso.

Suspendo a sessão por alguns minutos até a chegada de Suas Excelências.

(É suspensa a sessão).

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Está reaberta a sessão.

Com elevada satisfação, esta Presidência anuncia a composição da Mesa.

Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná

Excelentíssimo Senhor Euclides Scalco, Chefe da Casa Civil do Governo, Representante de Sua Excelência o Senhor José Richa, Governador do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná
Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba.

Excelentíssimo Senhor Goyá Campos, Representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba.

Excelentíssimo Senhor Vereador Tito Zeglin, Representante de Sua Excelência o Senhor Vereador Horácio Rodrigues, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba.

Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz José Megger, Representante de Sua Excelência o Desembargador José Lemos Filho, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, representando também o Presidente do Tribunal de Alçada.

Excelentíssimo Senhor Professor Roberto Linhares da Costa, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, em exercício.

Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, 1º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Excelentíssimo Senhor Deputado Quielse Crisóstomo, 2º Secretário da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

O SR. PRESIDENTE — Convido os senhores presentes a ouvir o Hino Nacional, executado pela Banda de Música da Polícia Militar do Estado.

(É executado o Hino Nacional).

O SR. PRESIDENTE — Convido o Senhor 1º Secretário, Deputado Anibal Khury, para que proceda à leitura dos termos do diploma de Cidadão Benemérito do Paraná, que será outorgado a Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto.

O SR. 1º SECRETÁRIO — (Lê os termos do Diploma):

“República Federativa do Brasil, Estado do Paraná. Título de Cidadania Benemérita. Os Poderes Constituídos do Estado do Paraná, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com a Lei 7.769 de 05 de dezembro de 1983, confere a Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba, o Título de Cidadão Benemérito do Paraná, para o que mandaram expedir o presente Diploma.

Curitiba, 23 de outubro de 1985.

JOSÉ RICHÁ

Governador do Estado do Paraná

Desembargador ARMANDO JORGE DE OLIVEIRACARNEIRO

Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná

Deputado NILSO SGUAREZI

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Para fazer a entrega do diploma de Cidadão Benemérito do Paraná, tenho a elevada honra de convidar Sua Excelência o Senhor Deputado Euclides Scalco, Digníssimo Chefe da Casa Civil e representante de Sua Excelência o Senhor Governador do Estado.

O SR. EUCLIDES SCALCO — (Faz a entrega do diploma).

Palmas.

O SR. PRESIDENTE — Para saudar o nosso mais novo Cidadão Paranaense e falar em nome do Poder Legislativo, concedo a palavra ao Senhor Deputado Airton Cordeiro, autor do projeto que concedeu o título a Dom Pedro Fedalto.

O SR. AIRTON CORDEIRO — Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado; Excelentíssimo Senhor Euclides Scalco, Chefe da Casa Civil do Governo e representante do Senhor Governador do Estado; Excelentíssimo Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Fedalto, Arcebispo Metropolitano de Curitiba e nosso ilustre Cidadão Benemérito; Excelentíssimo Senhor Goyá Campos, representante de Sua Excelência o senhor Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Vereador Tito Zeglin, representante do Presidente da Câmara Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Juiz Jose Megger, representante do senhor Desembargador Presidente do Tribunal Regional Eleitoral e do Tribunal de Alçada; Excelentíssimo Senhor Professor Roberto Linhares da Costa; Magnífico Reitor em exercício da Universidade Federal do Paraná; Excelentíssimo Senhor Anibal Khury, 1.^o Secretário deste Poder; Excelentíssimo Senhor Deputado Quielise Crisóstomo, 2.^o Secretário deste Poder; Autoridades Cíveis; Meus Senhores; Minhas Senhoras, convidados que participam desta cerimônia.

(Lê):

“Contam-nos as bíblicas passagens do Novo Testamento que Tomé passou a crer na sobrenatural mensagem de Jesus Cristo porque viu. Pôde Tomé enfiar seus dedos nas chagas do Cristo ressurrecto. E como resposta ouviu do Mestre: “Tu creste porque viste; bem aventurados os que crêem sem ver”

Este é um episódio que tomamos como ponto de partida para a saudação desta tarde em que o Paraná, através da Casa do Povo, escolheu para entregar o título de Cidadão Benemérito deste Estado a Pedro Antônio Marchetti Fedalto. Arcebispo Metropolitano de Curitiba, Dom Pedro Fedalto é herdeiro de uma rica linhagem de pioneiros italianos que, no século passado, estabeleceu-se em Colônia Rebouças, Campo Largo e, de lá, da faina diuturna, resultante do trabalho da terra, retirou frutos generosos.

Frutos generosos os Fedalto e toda aquela boa gente de Rebouças e de outras colônias de origem italiana que para cá vieram, acabaram por se multiplicar em variados campos da vida paranaense.

Pedro Antônio não foi exceção numa família criada dentro dos inigualáveis padrões de um cristianismo maduramente sedimentado, dividido entre os labores da terra e o cultivo dos valores espirituais. A família gerou frutos abundantes para a vida religiosa, para a vida secular, plasmando com seu exemplo as marcas de homens e mulheres aos quais, antes de tudo, cumpria “fazer a América” colocando o homem como agente de uma histó-

ria — a nossa História —, em que o clima, os fatores culturais e as adversidades materiais de toda ordem bem que poderiam tê-los feito aceitar o fatalismo da derrota.

Do ponto de vista meramente humano, tudo trabalharia contra os pioneiros italianos. A Colônia Rebouças dos descendentes dos vênets, era um desafio à paciência. A terra a ser desbravada impunha, antes, a fé heróica do enfrentar a mata e suas moléstias. — Impunham-se, também, barreiras como aquelas que hoje parecem irrisórias — das dificuldades de acesso a Curitiba, de assistência médica e de acesso à educação.

Mas há um fator transcendental a considerar: os Fedalto e seus companheiros de pioneirismo, estavam imbuídos de uma forte predestinação: haveriam, a qualquer custo, de ajudar a construir um Estado economicamente forte e espiritualmente maduro porque — antes e acima de tudo — eles criam. Uma crença capaz de vencer a mata e as pedras do caminho. Criam no que estava para vir. Punham-se não num mero estado de contemplação do futuro, mas construam o futuro com suor, lágrimas e as alegres celebrações da gente vêneta.

E ali, naquele cenário, a presença dos Tomés. Os homens, as mulheres e as crianças que se inseriam na vida paranaense oferecendo a sua melhor cota de doação. Suas vidas exemplares, sob o signo da cruz, animadas pelas promessas evangélicas que, por fim, sedimentariam o caráter e a liderança de um homem singular, o nosso novo Cidadão Benemérito do Paraná.

No nome de Pedro Antônio como que por inspiração divina, embutem-se dois compromissos do futuro sacerdote da Igreja Católica, Apostólica e Romana, e hoje Arcebispo de Curitiba. O primeiro, o de tomar por paradigma o pescador, a quem Cristo, na concepção católica, entregou as chaves do reino dos céus para o Governo de Sua Igreja, o príncipe dos apóstolos, o primeiro ocupante da Sé Romana. No nome de Antônio, um compromisso com a disponibilidade à causa do cristianismo, identificada em Antônio de Pádua, aquele de quem — relata a Eclesiologia — teve o dom da ubiqüidade, de estar em dois lugares ao mesmo tempo, sempre quando as coisas e as causas do Reino do Senhor assim o requeiram.

E Pedro Antônio Marchetti Fedalto assim foi, e assim o é: Pedro na medida em que é pescador de almas, apascentador de rebanhos nos planos espiritual e social, e sucessor dos apóstolos, no Colégio Apostólico. É o Antônio ubíquo na medida em que se desdobra, sem cansaços, sem lamúrias, com doação integral ao *munus* de que está investido como pastor desta Curitiba.

O menino Pedro Antônio repartiu, no antigo Seminário São José, no bairro do Seminário, em Curitiba, com uma plêiade de outros notáveis de sua geração, a doce vivência com a realidade *dos céus e da terra dos homens*. Suportou o bom combate, adversidades de uma rígida disciplina então aplicada pelos singulares educadores de diversas gerações de sacerdotes que foram os padres da Congregação da Missão, também chamados de padres vicentinos ou lazaristas, os filhos de São Vicente de Paula.

Não fossem a sua fé e a sua predestinação, possivelmente não teríamos hoje esta data para celebrar. Fé e predestinação que fizeram de Pedro Antônio o dócil aluno que, aceitando a disciplina tridentina que então se impunha aos seminaristas, suportou, silente, a mais das desagradáveis possibilidades que se poderia reservar a um jovem vocacionado: a ameaça de expulsão.

Exatamente este — a ameaça de expulsão do Seminário

São José — é um dos episódios que hoje Dom Pedro e seus antigos companheiros de classe, três dos quais também bispos da Igreja, devem rememorar não sem poucos risos. Mas ameaças que bem dão à medida do clima espartano em que o nosso arcebispo foi criado, durante 18 anos de formação religiosa. Um episódio que foi vencido pelo bom senso de um superior, dotado de grande acuidade, e a quem competiu dar a palavra final: "Chegar algumas horas atrasado ao seminário, ao final das férias escolares, vindo da casa paterna, não configurava falta grave".

E assim se preservou uma vocação legítima, preservou-se o direito de acesso à *Ordem de Melquisedech*, a suprema aspiração de Pedro Antônio Marchetti Fedalto.

O presbítero, o padre Pedro Antônio Fedalto foi simplesmente a continuação do que fora como filho dos laboriosos filhos da Colônia Rebouças, quando seminarista. Aguerrido defensor da fé, guardião daquilo que há de imutável na fé cristã, disciplinado soldado dessa instituição que se confunde com a própria História do Brasil.

Humilde, silencioso, vida doada à causa da Igreja, foi o braço direito de Dom Manuel da Silveira D'Elboux, um dos homens da hierarquia católica que mais seguramente marcaram nossa história contemporânea no Paraná.

E foi ali, haurindo daquele espírito singular que foi Dom Manuel, fazendo-lhe as duras e nem sempre reconhecidas tarefas de secretário particular, no manuseio diário de toda uma história que a Igreja do Paraná começaria a construir a partir dos anos 50, que Pedro forjou a face do sacerdote.

O "serás sacerdote para a eternidade", a ordenação que Pedro Antônio recebeu pela imposição de mãos episcopais, em 6 de dezembro de 1953, ele recebeu na plenitude de uma aceitação lúcida, consciente de que ao povo de Deus lhe competiria, antes de tudo, ser soldado. Soldado anônimo, como secretário e depois vigário geral da Arquidiocese; como historiador da Igreja e sua obra espiritual e social no Paraná; como cura d'almas que imitaria seu grande modelo, o cura D'Ars, o santo patrono do clero secular, isto é, dos sacerdotes católicos que vivem a serviço da chamada igreja particular, as dioceses e arquidioceses.

Mas a Pedro Antônio estava destinada a missão de ser sucessor de Dom Manuel da Silveira D'Elboux, no Arcebispado Metropolitano de Curitiba. Uma missão que, o fazia, ao mesmo tempo, o membro da Congregação dos Bispos de Santa Sé, participante do Governo da Igreja Universal, dentro do espírito de colegialidade acentuado pelo Concílio Vaticano II.

Pedro Antônio: dele se pediria, a partir daquele ano de 1966, quando assumiu o Governo de nossa Arquidiocese, que tivesse as disposições de liderança do pescador Pedro e a ubíqua vocação para desdobrar-se num trabalho que, a partir daquele ano, dele requereria responsabilidades com as quais o menino de Colônia Rebouças jamais imaginara defrontar-se.

A primeira das etapas, talvez a mais difícil, este Cidadão Benemérito do Paraná absorveu como fiel soldado da Igreja com sabedoria, senso de discernimento e respeito a valores seculares sem provocar rupturas e traumas. Foi a implantação, em Curitiba, dos postulados trazidos pela grande janela que o bom Papa João XXIII abriu ao mundo. Renovações não meramente de ordem disciplinar, de passagem das celebrações litúrgi-

cas do Latim para o vernáculo.

O zelo pela Casa do Senhor, como nos lembra o Profeta, passou a consumir, naqueles primeiros dias do Concílio Vaticano II e até agora, os melhores momentos de nosso arcebispo.

Sábio, na medida em que são aqueles que acatam a vontade das maiorias — no caso, o colegiado dos bispos —, Dom Pedro Fedalto fez com que o Concílio, em suas linhas mestras, se impusesse como a derradeira verdade dos tempos modernos. Uma construção que lhe exigiu, assim como exige de todos os líderes da Igreja, a compreensão de que a renovação conciliar passa pela conciliação entre o vertical e o horizontal. E que igualmente passa pelo constante diálogo com todos os segmentos do povo católico, e com as confissões cristãs abertas ao espírito ecumênico.

No tempo certo, soube Pedro Antônio conduzir seu rebanho, distante dos radicalismos que, numa determinada época, pós conciliar, esvaziaram os seminários, esvaziaram as casas de oração e retiraram, de parcelas da comunidade, esperanças na realidade dos valores transcendentais.

Mostrou-se o grande incentivador das comunidades eclesiais de base como instrumento de evangelização na cidade vertical. Das comunidades eclesiais de base nas áreas rurais, como ponto de encontro do homem consigo mesmo, e de seu mundo imediato, mas sem jamais perder de vista que a cruz do Cristo é majoritariamente vertical. Das comunidades eclesiais de base distantes de facções político-partidárias, compromissadas que devem ser, com o mais perfeito dos estatutos de que já se tem conhecimento, e resumido nas páginas do Novo Testamento.

Sereno e forte; corajoso e humilde; sábio e irredutível no segurar o estandarte de valores intocáveis; prudente e ousado no trato de tudo aquilo que coloque em risco a mais preciosa das criações de Deus — o homem e a mulher integrais —, assim é Dom Pedro Fedalto, nosso arcebispo.

Sua obra está espalhada pela cidade, e nas cidades que compõem a jurisdição de nossa Arquidiocese. Espalha-se também em limites maiores, em outras dioceses vinculadas a ele que preside a Primeira Província Eclesiástica do Paraná. Espalha-se igualmente Brasil afora, pois é uma voz ouvida e acatada entre seus pares da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Um acatamento que decorre da forma peculiar com que o nosso arcebispo, sendo disciplinado filho da Igreja, a "Mater et Magistra", é também o aguerrido pregoeiro da comunhão eclesial em torno de Pedro, hoje materializado no Papa João Paulo II, este apóstolo da liberdade dos povos e dos direitos humanos.

Pedro Fedalto é bem mais do que um construtor de igrejas, de escolas, de obras sociais ímpares como o Pequeno Cotelengo do Paraná. Uma lição de vida e de amor aos mais pobres e desvalidos de nossos irmãos —, de marcos culturais que contam com seu apoio decisivo como a Pontifícia Universidade Católica do Paraná e um grande número de hospitais, creches, orfanatos e programas de ajuda à maternidade e à infância, à formação profissional e ao atendimento à população de baixa renda de nossas periferias.

Dom Pedro Fedalto é o homem que, sendo criado à sombra de uma época rigidamente tridentina, sabe valer-se dos modernos meios de comunicação e da capacidade de diálogo para sondar os sinais dos tempos. Volta-se para o social na medida em que abre as portas de sua casa para um desfilar diário de queixas levadas por movimentos e instituições que

pedem sua intermediação e seu apoio em favor de homens *sem terra, favelados, sindicados, funcionários públicos, e de todos aqueles que, de alguma forma, se sentem violados em seus direitos humanos fundamentais.*

A todos recebe com beneditina paciência. De todos recolhe as informações básicas que vão montando as linhas de uma pastoral em que a urgência e a gravidade das questões sociais exigem soluções para as quais a Igreja ainda é o grande mediador. É tudo isto ele faz com modéstia, sem alardes. Mas a história contemporânea, dos dias de hoje do Paraná, registra este truismo que salta às vistas: o moderado Dom Pedro Fedalto é um contemporâneo do futuro, um parceiro da História.

Pedro Fedalto ajuda a escrever capítulo notável da História do Paraná, na medida em que se mostra a voz equilibrada. A voz do pastor a quem compete apagar incêndios ou buscar desesperadamente ovelhas desgarradas e trazê-las ao aprisco do Pai Celeste. Ele é, este Pedro Fedalto que suporta não poucas críticas pela mansidão e espírito tolerante com que enfrenta borrascas de todos os lados — e muitas delas gestadas nos seus próprios domínios eclesiásticos — o exemplo do bom pastor. E o bom pastor dá a vida por suas ovelhas, sem olhar nem para a esquerda, nem para a direita. Olhando sempre, com firmeza, segurança e sobrenatural convicção dos predestinados, de que *a messe é grande e poucos os obreiros.*

E deste obreiro exemplar, a quem hoje esta casa do povo entrega o título de Cidadão Benemérito do Paraná, pode-se dizer, por último, mas não menos importante: *ele luta o bom combate, guarda a fé.* A Coroa da Vida espera porque o zelo da casa do Senhor o consome...

E Pedro Antônio é o pescador que se consome estando em múltiplos lugares, como um dos valores mais salientes deste Paraná que, aceitando as renovações do Concílio Vaticano II no que ele tem de substantivo em busca da promoção do homem, não quer, esta notável instituição brasileira atrelada aos radicalismos que comprometem o Caminho, a Verdade e a Vida — pedras basilares do autêntico cristianismo.

Pedro Fedalto, como o Pedro da Sé Romana — aquele a quem foram entregues as chaves do reino dos céus — é penhor de segurança dos paranaenses. Ele representa a certeza de que a Igreja, aqui, não será, jamais, instrumento senão da essência evangélica. E esta exige, basicamente, como Pedro Fedalto, seu guardião, de cada um de nós que sejamos "fiéis no pouco" — *"in pauca fidelis"*.

Pois, só assim, seremos fiéis no todo, como o é o nosso novo Cidadão Benemérito do Paraná.

A Deus, muito obrigado pela oportunidade de homenagear o menino humilde de ontem, o homem grande de hoje, a liderança espiritual deste Estado que nós queremos com o maior do nosso amor.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Com elevada satisfação, ouviremos agora a palavra do nosso homenageado, Sua Excelência Reverendíssima Dom Pedro Fedalto.

O SR. DOM PEDRO FEDALTO (Arcebispo de Curitiba) — Excelentíssimo Senhor Deputado Nilso Sguarezi, Digníssimo Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Doutor Euclides Scalco, Digníssimo Chefe da

Casa Civil do Governo, representante de Sua Excelência o Senhor Doutor José Richa, Digníssimo Governador do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Desembargador Armando Jorge de Oliveira Carneiro, Digníssimo Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Goyá Campos, representante de Sua Excelência o Senhor Maurício Fruet, Prefeito Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Vereador Tito Zeglin, representante de Sua Excelência o Vereador Horácio Rodrigues, Digníssimo Presidente da Câmara Municipal de Curitiba; Excelentíssimo Senhor Juiz José Megger, representante de Sua Excelência o Desembargador José Lemos Filho, Presidente do Tribunal Regional Eleitoral e também representante do Tribunal de Alçada; Excelentíssimo Senhor Professor Roberto Linhares da Costa, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, neste momento Reitor em exercício; Excelentíssimo Senhor Deputado Anibal Khury, 1º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Quielise Crisóstomo da Silva, Digníssimo 2º Secretário da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná; Excelentíssimo Senhor Deputado Ailton Cordeiro, proponente deste Título de Cidadão Benemérito do Paraná; demais autoridades aqui presentes e representantes, Senhores Deputados, minhas Senhoras e meus Senhores.

(Lê):

"O título de Cidadão Benemérito do Paraná, concedido pela proposição do amigo Deputado Ailton Cordeiro, com a aprovação dos nobres Deputados da Assembléia Legislativa do Paraná, mais do que uma honra é para mim uma responsabilidade.

Ao mesmo tempo em que recebo este título, que vem dignificar o Estado do Paraná (*Palmas*) e vem também aqui colocar Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba, nossa dedicada e querida Mãe do Povo de Curitiba, e também porque não dizer o do Paraná, sinto-me profundamente reconhecido. Ao mesmo tempo, depois de ouvir este magnífico discurso do Deputado Ailton Cordeiro, sinto-me muito pequeno aqui, mas sei que todos os presentes, inteligentes, sabem entender muito bem este discurso, por isto fico tranqüilo, sabendo que houve muita compreensão, muita bondade, por parte do orador, Deputado Ailton Cordeiro:

Confesso-me imensamente grato pela outorga deste título e tudo farei para honrar o Paraná, esta terra abençoada que acolheu minha família de imigrantes italianos e que me viu nascer.

Permitam-me que, neste momento, tome um pouco do tempo que esta egrégia Assembléia Legislativa do Paraná me oferece para discorrer sobre migração, uma vez que minha vida tem aí suas raízes.

O homem, por sua natureza, é migrante. O homem sempre imigrou.

Foi o próprio Deus que ordenou a Abraão que migrasse, como vem descrito no Livro do Gênesis, capítulo doze, versículo primeiro: "Deixa tua terra, tua família, a casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei".

Assim como Abraão, milhões e milhões de homens, corajosos, confiantes, esperançosos deixaram sua terra, sua pátria, seus parentes e buscaram novas terras.

A história do homem pode identificar-se com o processo de migração.

A primeira vista, imigrar parece apenas um processo social, econômico, político. Ninguém pode negar que a causa determinante da migração é, na maioria das vezes, econômica.

Mas o homem sente o desejo insaciável de imigrar, de conhecer novas realidades, mistas de sucessos e alegrias, de fracassos e lágrimas, de aventura e de heroísmo.

O homem entendeu que parar, acomodar-se, cruzar os braços, esperar dias melhores sentado, significaria estacionar, morrer.

A migração é um processo de universalização da humanidade.

O homem não pode fechar-se dentro de si. Por mais fortes sejam os vínculos que o prendem a parentes e amigos, à pátria e à terra, sente ele necessidade de comunicar-se com os outros para transmitir-lhes riquezas espirituais e morais, culturais, artísticas e materiais.

O século XIX foi fortemente marcado pelas correntes migratórias.

A Europa sacudida pelas lutas internas da unificação de suas Nações, divididas em pequenas repúblicas, províncias autônomas, condados.

De outro lado, era o início da industrialização, atraindo milhares de agricultores oprimidos pelos latifundiários que os exploravam no árduo trabalho dos campos, de sol a sol, para apenas poderem subsistir.

O Brasil, imenso País, com terras férteis de todos os climas, oferecia oportunidade invejável para a imigração. O próprio Imperador Dom Pedro I, pelo decreto de 02 de dezembro de 1825, organizou a comissão especial encarregada de povoar o Brasil, com imigrantes. Até 1808, era proibida a imigração ao Brasil, temendo a metrópole de Lisboa que os estrangeiros se aliassem aos nativos e conspirassem contra Portugal.

Houve apenas concessão para entrar imigrantes dos Açores e Madeira em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por uma provisão de Dom João V, a partir de 1774.

O Paraná com uma área extensa de terras férteis contava com uma população escassa.

Logo após sua emancipação política de São Paulo, a 19 de dezembro de 1853, o primeiro Presidente da Província, Doutor Zacarias de Góes e Vasconcelos, autorizava a imigração, agilizando os meios de contratos de viagens, de aquisição de terras, com aberturas de estradas, fazendo contratos para a construção de casas e para a alimentação.

O Paraná, por seu clima ameno, como outros Estados do Sul do País, era preferido pelos europeus. Assim, foram chegando imigrantes alemães, poloneses, ucranios.

A Itália, que no passado sempre teve alto índice de natalidade, contava com milhões de habitantes que imigravam. Basta dizer que, de 1860 a 1923, com a população de 30.000.000 de habitantes, viu sair 16.630.000 de italianos.

A região italiana mais populosa era a vêneta que abrangia as províncias de Veneza, Pádua, Verona, Vincenza, Rovigo, Belluno, Treviso.

O Presidente do Paraná, Doutor Adolpho Laménha Lins, ao assumir o Governo, pretendeu instalar colônias agrícolas, com pequenas propriedades, vizinhas às cidades, centros consumidores de gêneros alimentícios e abastecedores de outras necessidades.

Antes já surgira sábia lei do Governo Imperial, em 19 de janeiro de 1867, com o decreto n. 3.784, criando as pequenas comunidades agrícolas. Pelo artigo 40, era expressamente proibido ter escravos nos núcleos coloniais. Era a Reforma Agrária do tempo. Hoje, como no passado, há tanta gente sem terra, esperando a Reforma Agrária. Que aconteça o quanto antes, para o bem de todos os agricultores.

Muitos imigrantes italianos entraram no Paraná, sendo os primeiros em pequena escala, desde 1.870. O maior contingente foi a partir de 1875, com a formação da Colônia Alexandra, a 14 km de Paranaguá, que fracassou por falta de apoio e do cumprimento das cláusulas firmadas com o empresário Sabino Tripoti, que explorou os imigrantes chegando o Presidente Adolpho Laménha Lins a rescindir o contrato e confiscar-lhe os bens.

Diante da revolta dos imigrantes de Alexandra, ludibriados, desiludidos com as promessas feitas, querendo retornar à Itália, o Governo do Paraná reorganizou a Colônia de Nova Itália, em Morretes. Foi ali que chegou a minha família a 11 de fevereiro de 1878. Ali, também não ficaram contentes os imigrantes com o calor do clima e com as doenças.

Romário Martins, em seu livro História do Paraná, escreve, referindo-se aos migrantes da Nova Colônia de Morretes: "A situação dos migrantes recém-chegados era lastimável".

O Governo deu ordem imediata que fossem encontrados terrenos nos arredores de Curitiba, São José dos Pinhais, Campo Largo, Araucária, Almirante Tamandaré, Bocaiúva.

A 3 de abril de 1878, subiram os migrantes italianos de Morretes e vieram fundar as Colônias Italianas, programadas pelo Governo do Estado. Depois de esperar 5 meses em Curitiba, foram localizados estes imigrantes em Água Verde, Santa Felicidade, Colombo, Santa Maria, Piraquara, no município de São José dos Pinhais e outros. E foi a 11 de setembro de 1878 que a família Fedalto se radicou na Colônia Antônio Rebouças, no município de Campo Largo. Eram 151 migrantes italianos; quiseram dar-lhe o nome de Antônio Rebouças, em homenagem ao iminente engenheiro Antônio Pereira Rebouças, que com seu irmão André, idealizou a artística Estrada de Ferro de Paranaguá e a Graciosa.

Este povo, como muito bem descreveu o Deputado Airtón Cordeiro, sentiu muita dificuldade, também sofrimentos e mortes.

Meu tataravô, Jacinto Fedalto, com 60 anos de idade, morreu 3 meses depois que lá se estabeleceu. Em 1884, 6 anos depois de ali se estabelecerem os migrantes, veio uma epidemia, e esta epidemia, por mais que os colonos buscassem médicos e remédios, viram em poucos dias morrer 13 pessoas, era o sofrimento, era o luto, aqueles enterros levados a questão de 15 km, até a cidade de Campo Largo.

Meu bisavô, José Fedalto, um líder da comunidade, confortava aqueles agricultores, colocando a esperança nos médicos e em Deus. Este meu bisavô, com apenas 45 anos, pai de 10 filhos, faleceu em 1900.

Sobre ele escrevia o jornal católico de Curitiba "A Estrella": Comunica-vos o Padre Pedro Nosadini, o falecimento do Senhor José Fedalto, distintíssimo membro da Colônia Antônio Rebouças, a 08 de outubro de 1900. Foi o Senhor Fedalto um homem digno de ser proposto para modelo dos pais de famí-

lia pela maneira como educou sua numerosa prole, zelo admirável em cumprir seus deveres e de dedicação por tudo o que se referia ao culto divino, em favor de seus irmãos da comunidade".

Meu avô, Pedro Fedalto continuou a mesma Liderança na comunidade. Meu pai, Giacomio Fedalto, também foi um homem sempre muito dedicado e serviçal. Todos o procuravam para conselhos, sabendo com sabedoria dizer a cada um a palavra certa.

Minha mãe, da família Marchetti, de Campo Comprido, também de um núcleo de imigrantes italianos, soube sempre viver na modéstia, no cumprimento do dever, na educação de seus 7 filhos, sendo eu o primogênito.

Depois da educação recebida num lar unido, harmonioso, tive a felicidade de ser aluno do Professor Luiz Lorenzi, mestre exemplar, educador exímio. Foi por isto que seu centenário de nascimento, ocorrido a 27 de agosto de 1983, foi comemorado com um monumento que seus alunos ergueram na Comunidade de Antônio Rebouças e entre seus alunos há 2 bispos da mesma comunidade e, depois, mais 3 sacerdotes de outras comunidades para onde passou este professor e mais 3 irmãos Maristas, conhecidos, os Irmãos Firmino e Armando Bonatto.

Chega o ano de 1940.

Como Abraão, eu também parti da minha terra, era o dia 2 de fevereiro, um dia alegre de um lado, um dia triste de outro lado, era a primeira vez que eu saía de minha casa. Fui ao Seminário São José de Curitiba. Encontrei excelentes mestres no Seminário de São José, procurando assimilar seus ensinamentos e guardar seus exemplos. Era uma escola rígida que formava o caráter dos alunos daquele tempo. E o episódio aqui contado pelo Deputado Airton Cordeiro aconteceu porque seminaristas deviam voltar e deveriam estar no horário certo no Seminário, deveriam estar às seis horas da tarde. E, num domingo, com ônibus superlotado, não conseguiram os seminaristas encontrar lugar e chegaram atrasados no Seminário. E havia ordem de que, quem chegasse atrasado, deveria ser despedido. Mas, o reitor, homem de bom-senso, Padre Augusto Fonseca, disse: "É a primeira vez que os alunos assim procedem. Que não façam outra vez a mesma coisa. E, no início de 1947, mais uma vez, como Abraão, ouvindo a voz de Deus, fui destacado para estudar em São Paulo, no célebre Seminário Central de Ipiranga, onde lecionavam eruditos mestres, seis dos quais são hoje bispos. Dos alunos contemporâneos, muitos foram eleitos bispos, sendo cinco só de minha turma, e um deles, hoje acaba de ser nomeado bispo de Paranaíba, no Paraná, D. Rubens Augusto de Souza Spíndola. O Seminário Central do Ipiranga aprimorava a inteligência, incutia convicções à vontade e imprimia zelo pastoral aos jovens seminaristas.

Terminado o longo currículo de estudos, chegava um dia muito esperado, muito suspirado. Era o dia 6 de dezembro de 1953. Era uma data muito significativa do Paraná: o centenário de sua Emancipação Política.

Seis jovens da Arquidiocese de Curitiba, neste dia seis de dezembro, na Catedral de Nossa Senhora da Luz, recebiam das mãos de Sua Excelência Dom Manoel da Silveira D'Elboux, a ordem do presbiterato, sacerdotes para sempre, segundo a ordem de Melquisedech.

Depois das festas e das alegrias da primeira missa, cada um em sua comunidade, e aquela comunidade de imigrantes italia-

nos da Colônia Antônio Rebouças, pela primeira vez via um seu filho ser sacerdote. Aliás, eram dois, porque no mesmo dia, também, celebrava a primeira missa solene o atual bispo de Presidente Prudente, Dom Antônio Agostinho Maroque, que sempre fora colega de infância na escola, como coroinhas na igreja, como estudantes no Seminário, e agora sacerdotes para sempre.

Terminadas as festas de ordenação e premências, cada um foi designado, de acordo com a capacidade, de acordo com as suas tendências. Fui designado a ser Secretário do Arcebispo metropolitano, D. Manoel da Silveira D'Elboux, e logo depois, Chanceler do Arcebispado.

Quero aqui em público, neste dia tão significativo para mim, dizer que foi a melhor escola para a continuação de minha formação sacerdotal. Foi nesta escola de muita fé, de muita oração, de muita dedicação, que aprendi com Sua Excelência a exercer o ministério sacerdotal, residindo com ele dezesseis anos.

Escolheu-me depois para ser seu Bispo Auxiliar, e quando dizia que era melhor que escolhesse um outro, Sua Excelência me respondia, é a vontade de Deus, aceite. E como o que eu tinha aprendido nos tempos do Seminário, tanto o menor como o maior, que nada se deve pedir e nada se deve recusar, aceitei ser Bispo Auxiliar de Curitiba, ordenando-me a 28 de agosto de 1966, quando completava quarenta anos de idade. Quarenta anos exatamente no dia do batismo, e o meu batizado foi feito por aquele Santo Missionário, Padre Natal Pigato, tão querido e lembrado até hoje pelos descendentes dos italianos. Um Padre que embora não tivesse conhecido porque falecia exatamente um mês depois que eu nascia, mas tudo que meus pais transmitiam guardei no fundo do meu coração.

Fui mais tarde, tomado de surpresa, quando a 28 de dezembro de 1970, o Santo Padre gloriosamente reinante, Paulo VI me escolhia para Arcebispo de Curitiba.

Olando para o passado, encontro tanta gente que me ajudou, olhando para o passado, encontro muitos no clero que me inspiraram a caminhada. Uns eu conheci, outros pela história, eu os procurei amar e admirar.

Olhando para este passado, eu vejo um Padre Francisco Chagas de Lima, de Curitiba, que foi o grande missionário, fundador de Guarapuava.

Um olhar para o passado, descubro um cônego Ildelfonso Xavier Ferreira, um homem sábio que quando D. Pedro I proclamou a Independência, foi o primeiro a gritar a citação solene. "Viva o Rei do Brasil". Encontro depois um Padre Júlio Ribeiro de Campos e um Padre Agostinho Machado de Lima que tanto se dedicaram a esta cidade de Curitiba. Ainda Antonina oferece o Monsenhor Manoel Vicente de Paula, sacerdote que tanto trabalhou em São Paulo, mas perto de nós, ainda pelo estudo eu vejo Monsenhor Celso Itiberê da Cunha que por mais de trinta anos foi o sacerdote dedicado na Igreja Catedral de Curitiba. Vejo depois um Dom Alberto Gonçalves que tanto bem fez a esta cidade de Curitiba, ao Paraná, como sacerdote, como político, como provedor da Santa Casa de Curitiba e depois, como primeiro Bispo de Ribeirão Preto.

Olho ainda para Santa Felicidade e encontro as figuras de Dom Antônio Mazarotto, homem sábio, austero, dedicado ao trabalho pastoral, vejo também seu irmão, com quem aprendi muito como Padre novo, Sua Excelência Dom Gerônimo Maza-

rotto; vejo depois o Monsenhor Lamartine Correia de Miranda que por trinta e um anos, foi o Pastor solícito da cidade da Lapa e veio depois a Curitiba para ser como que um Cireneu, como mão direita de três Arcebispos: João Francisco Braga, Dom Euzebio da Rocha e Dom Manoel da Silveira D'Elboux. Vejo depois sacerdotes meus conhecidos e benfeitores como Monsenhor Izidoro Mikos que tantos anos trabalhou na Catedral de Curitiba, Monsenhor Bolislau, de saudosa memória, ambos meus conhecidos, meus benfeitores, meus amigos.

Sim, meus irmãos e meus amigos, olhando para o passado, eu digo Graças a Deus e o que devo dizer neste momento ao receber este título, devo agradecer a Deus e a todos os que me ajudaram a ser o que sou e se não fosse Deus, não fossem meus familiares, de modo particular, meus pais, se não fossem meus mestres, se não fossem tantos amigos que encontrei no caminho que me compreenderam e me estenderam a sua mão, aqui não estaria hoje. Por isso, esse título não me pertence. Pertence àqueles que me ajudaram a ser aquilo que sou, como diz São Paulo, "pela graça de Deus, sou o que sou".

Ao eminente Deputado Airtton Cordeiro, propondo aos Senhores Deputados meu nome para Cidadão Benemérito, deixo aqui registrado meu profundo reconhecimento. A todas as autoridades que compareceram a esta solenidade, Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Nilso Sguarezi, com todos os que estão aqui presentes, autoridades, amigos, prestigiando este evento, deixo registrado um sincero agradecimento e a todos quero dizer: Amo o Paraná, a terra que acolheu meus antepassados, a terra que viu nascer meus pais e que guarda suas cinzas; Amo o Paraná que me viu nascer e hoje, pelos legítimos representantes do seu povo, me escolheu para ser seu Cidadão Benemérito. E espero que este Paraná continue acolhendo a todos. Que o Paraná novamente receba tantos que precisam de engrandecer esta terra.

E é com tristeza que vemos agora o homem paranaense saindo desta terra. Por isso é preciso que aconteça, quanto antes, a autêntica e corajosa reforma agrária, para que não

haja nenhum agricultor sem terra. Porque se os imigrantes do século passado não tivessem encontrado um chão, uma terra para cultivar, não estariam aqui e eu também hoje não existiria aqui no Paraná.

E também que esta terra do Paraná, que os governantes procurem apressar todas as reformas para que haja trabalho para todos, para que se encontre logo as frentes de trabalho para tantos irmãos nossos desempregados; irmãos nossos que querem ter uma dignidade humana, justa, de acordo com a vontade do próprio Deus.

Amigos, a todos eu deixo o meu agradecimento e termino citando as palavras de um outro grande padre, que conheci, lendo sua história é que tanto falou dos imigrantes italianos, que tanto ajudou estes imigrantes, o padre Pietro Covalquini, exemplo de sacerdote, amigo e protetor dos imigrantes. Num seu relatório ele dizia: "os imigrantes italianos no Paraná bendizem a Deus da hora que aqui chegaram. Nunca vi imigração tão feliz com um povo ordeiro e amigo".

Eu também bendigo neste dia a Deus, e a todos os meus amigos por ter nascido no Paraná e ser hoje seu Cidadão Benemérito.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Nilso Sguarezi) — Esta Presidência deseja se associar a todas as homenagens prestadas ao nosso estimadíssimo Dom Pedro Fedalto, bem como agradecer a presença das mais altas autoridades e dos distintos convidados que tanto engrandeceram esta solenidade.

E solicita da mesma Comissão, anteriormente designada, que acompanhe Suas Excelências, Deputado Euclides Scalco, representando o Governador José Richá, Dom Pedro Fedalto e o Excelentíssimo Senhor Presidente do Tribunal de Justiça, Desembargador Armando Carneiro, enquanto Suas Excelências permanecerem nas dependências deste Poder.

Antes de encerrar esta sessão, convido a todos os presentes para ouvirmos o Hino do Paraná, após o que está encerrada a sessão.